

AS MARGENS DA ALEGRIA E OS CIMOS: MOLDURAS DE UM ITINERÁRIO METAFÍSICO

Joelson Santiago Santos (UNEB)
j.santhiago@hotmail.com

1. Introdução

Quando se fala em estrutura do conto, vários são os teóricos que atentam para a dificuldade em explicá-lo, pois esse gênero comporta aspectos múltiplos, dinâmicos e até antagônicos em suas composições. Dessa forma, na contemporaneidade, ele segue a mesma tendência da ficção em geral, que é a diversificação em suas formas e temas, “ora é quase-documento folclórico, ora quase crônica da vida urbana, ora quase drama do cotidiano burguês, ora quase-poema do imaginário às soltas, ora enfim grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem” (BOSI, 1997, p. 08).

Nos contos de Guimarães, temos um exímio exemplo que apresenta essa característica presente na contística brasileira. Rosa inaugura através de suas narrativas uma perspectiva não convencional na apresentação de suas personagens:

Guimarães Rosa busca na semântica do insólito o seu modo de responder a situações singulares extremas que fazem contraponto à outra literatura, a de situações típicas e médias da civilização humana moderna. O que o seduz é a menina franzina que sonha e inventa o cotidiano, as loucas que cantam na esplanada da estação, os bois que falam do homem e os homens que inventam o boi, o morro que fala, o jagunço que vira santo, o pactário que nega o demo [...]. E, dada a alta coerência estilística das narrativas, a exceção vira regra (BOSI, 1997, p. 13).

No livro *Primeiras histórias*, de Rosa, temos um exemplar que reúne muito bem essas características elencadas por Bosi. Nele é apresentado personagens que se destacam por serem tipos sociais desprestigiados pela sociedade fomentada na lógica capitalista: crianças velhos e loucos. Esses indivíduos são considerados incapazes, desgastados ou inaptos para “produzirem”. Apesar dessa perspectiva limitadora imposta para esses personagens, Rosa tece histórias de dificuldades, carências, estigmas, mas que, de certa forma, são superadas ou reinventadas no feliz e no reino da liberdade, como defende Maria Tereza Abelha no artigo: *Primeiras histórias: A alteridade inventada no feliz*.

Outro aspecto que chama atenção nessa obra é a unidade estabelecida entre os contos, apesar da diversidade dos acontecimentos, assim como os variados narradores que conduzem de maneira diferenciada. Podemos perceber nesse livro uma recorrente narração de uma viagem sob dois aspectos: a viagem através do espaço físico e a viagem no universo das emoções. Essa relação fica muito bem exemplificada com no conto de abertura: *As margens da alegria*, e o derradeiro: *Os cimos*. O primeiro mostra o percurso do menino da alegria para tristeza e, o último, do desespero para esperança.

Em resumo, esses dois contos constituem uma espécie de moldura para os demais, que, de certa forma, são compostos em torno de algum tipo de travessia real ou imaginária, no tempo ou no espaço, ou até mesmo, uma viagem dos personagens no seu “eu”. Destacarei aqui o conto de abertura desse livro de Guimarães Rosa: *As margens da alegria* e o de fechamento: *Os cimos*. Em ambos é contada a estória de um menino que viaja para uma grande cidade com seus tios. Durante todo o percurso o menino vai conhecendo e admirando as belezas da natureza e as novidades do lugar, as quais conduzem o menino para mudanças na sua percepção de mundo.

2. *A engenhoneira de estórias*

Guimarães Rosa possui uma obra que catalisa uma complexidade de formas e uma riqueza de expressão literária, que proporcionam uma profícua e crescente fortuna crítica dos exegetas literários. Nela encontramos vastos espaços para um estudo da condição humana em diversos aspectos (loucura, isolamento, velhice, morte/vida) construída numa expressão engendradora no insólito e numa recriação artística da linguagem.

Seu talento como escritor começa aparecer para o público aos 37 anos de idade com a publicação do volume de contos *Sagarana*, em 1946, que já lhe garante destaque no cenário da literatura nacional. Dez anos depois publica o ciclo novelesco *Corpo de baile* e o romance *Grande sertão: veredas*. Este último lhe dá o prêmio *Machado de Assis*, do Instituto Nacional do Livro, o prêmio *Carmen Dolores Barbosa* e o prêmio *Paula Brito*. Com toda essa repercussão de sua obra, Rosa consagra-se, desde então, como grande escritor brasileiro.

Posteriormente foi publicado o livro de contos *Primeiras estórias*, em 1962; depois *Tutameia* (ou *Terceiras estórias*), em 1967; além de *Es*

tas estórias (publicação póstuma em 1967). Vale destacar também que *Corpo de baile*, a partir da terceira edição, desdobrou-se em três volumes, a saber: *Manuelzinho e Miguilim*, *No Urubuquaquá no Pinhém* e *Noites do sertão*.

As construções literárias de Rosa são compostas numa atmosfera recheada de elementos da vida no sertão, o que influenciou, inicialmente, uma classificação da sua obra como regionalista. No entanto, numa leitura mais atenta, essa representação geográfica assume um caráter mais interior do ser humano, pois sua produção literária consiste numa apresentação de temas que fazem das imagens ditas regionais formas universais.

De fato, o sertão é o espaço escolhido para criação e ação das personagens de Guimarães, mas que espelham realidades além, pois, apesar dos espaços citados nas narrativas serem identificáveis como tal, inclusive associados com o universo da infância e mocidade do autor, a maioria dos contos desenvolve-se numa região não especificada, uma espécie de não lugar, e isso possibilita depreender que suas estórias se desenrolam num qualquer-lugar. Rosa demonstra uma consciente “noção de traduzir os conteúdos universais da angustia existencial, os medos físico-metafísico tanto para fala sertaneja ou a poesia popular, para os mitos tupis ou gregos, como filosofias ou literaturas europeias” (ROSENFELD, 2006, p. 56).

Em *Primeiras estórias*, temos 21 narrativas que contempla cenários rurais como: lugarejos, vilas, fazendas e até mesmo o permear com centros urbanos como acontece em *As margens da alegria* e em *Os cimões*. Em praticamente todos os contos de livro de Rosa é apresentado, a partir da perspectiva das personagens principais um acontecimento de alguma forma pressentido. Em *As margens da alegria* (o conto aqui também estudado) confirma essa assertiva, pois a viagem que o menino – personagem protagonista desse conto – realiza é composta de elementos que preparam para mudança na personagem. A viagem, portanto, funciona como um ritual de passagem. As crianças constituem protagonistas importantes em mais cinco contos do volume, os quais são apresentados com aguda sensibilidade e inteligência ou, até mesmo, poderes sobrenaturais.

3. *A primeira viagem do menino*

A exploração do tema viagem na literatura é um recurso utilizado desde os primeiros registros literário. Até na contemporaneidade encontramos pertinentes exemplos dessa temática dentro duma perspectiva de diálogos intertextuais ou ressignificações de sua acepção. Em Guimarães Rosa na obra *Primeiras estórias*, temos uma produção construída na égide desses sentidos suscitados em torno de travessias na construção dos acontecimentos narrados nos seus contos.

Chevalier (1998) registra no *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, a representação que uma viagem pode assumir, na qual perpassa por uma série de questões, mas que de maneira geral, refleti numa busca da verdade, da paz, da imortalidade ou de um centramento espiritual. Assumido, também, uma intrínseca relação semântica com travessia que; “exprime-se muitas vezes como um deslocamento ao longo do Eixo do mundo” (CHEVALIER, 1998, p. 951) em busca de algo ou de outrem.

Dentro dessa perspectiva, o traslado pode assumir valiosas vicissitudes que são exploradas pela literatura e que em Guimarães Rosa não se faz diferente. Nos contos, em análise, ele também utiliza dessa expressão. Nele, temos a narração de um menino que viaja para passar alguns dias com os tios. Essa viagem, metaforicamente, consiste num rito de passagem para a personagem principal, que imerso em várias novidades se transforma no decorrer da narrativa. Dentro das descobertas que possui um destaque especial é a do peru, que curiosamente lhe dá as costas enquanto o menino admirava sua beleza:

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se estufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão – brusco, rijo – se proclamara. Grugrulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos verdes metais em azul-e-preto – o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento (ROSA, 1979, p. 04).

Nesse trecho, a imagem do peru é apresentada com suas cores e suas performances, nas quais exercem uma forma de encantamento no menino, pois a ave parece fazer um espetáculo inaugural do nomeado por Rosa de “peru para sempre”, uma direta referência dos “felizes para sempre” — uma das célebres frases das clássicas narrativas infantis—, e representando, destarte, a ideia de eternidade da felicidade que o infante,

até o referido momento, acreditava. Ademais, os termos *calor, poder e flor* que compõem a representação do peru para o menino parecem conotar respectivamente: uma paixão, um fascínio dominante e uma forte atração do menino em relação o peru, ou até mesmo de ambos.

No entanto, o menino logo tem que deixá-lo para um passeio com os tios nessa nova e grande cidade. Durante o percurso desse passeio, o menino continua a se encantar com as novas descobertas da natureza no seu entorno. Essa imagem de reverberação do infante é construída no conto, paradoxalmente, através da poeira que o jipe levantava: “Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustenta-se delas incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor” (ROSA, p. 05).

Essa cena do conto é mágica, pois “todas as coisas” surgem do “opaco”, ou seja, do nada, somente para fazer o menino feliz dando um tom lírico, emblemático e, até mesmo, onírico. Ele vive um estado de sonho, é um percurso suspenso na alegria. Porém, apesar dessas felizes descobertas, a imagem do peru é a mais especial na memória e, sobretudo, no coração do menino. É importante refletir também sobre a representação simbólica que das imagens surgidas no pó podem suscitar, Chevalier registra no *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, a representatividade do pó dessa forma:

Força criadora e da cinza. A poeira é comparada ao sêmen, ao pólen das flores. No gênesis, o homem não é somente tido como criado da poeira do chão, mas também sua posteridade é comparada à poeira [...]. Inversamente a poeira é às vezes signo de morte. Os hebreus botavam poeira na cabeça em sinal de luto [...]. Sacudir a poeira das sandálias é uma fórmula que simboliza o abandono total do passado uma ruptura completa, uma negação de tudo que representava essa poeira: pátria, família, amizade etc. (CHEVALIER, 1998, p. 727).

Dentro dessas exposições dos sentidos que a poeira pode conotar, confirmam-se todas no conto de Guimarães, no sentido que o menino simbolicamente (re)nasce para uma das facetas da vida, antes ignorada: a finitude do seres e das coisas. É a partir desse momento que tudo para o menino começa perder a eternidade e ganhar outro sentido.

Quando ele retorna do seu passeio com os tios não encontra mais o peru: “Só umas penas, restos no chão” (ROSA, p. 53), pois a ave havia sido abatida para servir como alimento num festejo. A partir dessa constatação, o menino inicia uma espécie de travessia para desilusão, pois se dá conta, enfim, do átimo da vida e da condição de finitude dos seres.

Com isso, o menino fica “às margens da alegria” que o inebriava durante aquela viagem, por não poder refazer mais aquele momento tão feliz e ansioso durante o passeio. Esse fato introduz no menino “um miligrama de morte” uma quebra no encantamento, no seu momento mágico e feliz.

Esse fim utilitário, dado ao animal aparece com um instrumento de introdução ao mundo adulto e que deixa o menino atordoado, confuso, pois: “seu pensamentozinho estava ainda na fase hieroglífica” (ROSA, p. 55), isto é, no universo infantil, em outra lógica que não compreendia o porquê de executarem um ser tão fantástico como o peru, na visão do menino.

Para compor essa transição de universo, Guimarães Rosa utiliza, nesse conto, expressões que remontam ao universo infantil, bem como das narrativas desse público, basta verificar, por exemplo, desde a primeira frase do conto *As margens da alegria*: “Esta é a estória”, esse enunciando faz uma clara alusão das prelúdas frases dos contos de fadas: “Era uma vez...”. Outra passagem que reproduz o imaginário e o cenário das estórias infantis é passagem do conto que demonstra as impressões iniciais que o menino possui da casa dos tios – mais especificamente das árvores no quintal: “Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores? Só sons. Um – e outros pássaros – com cantos compridos. Isso foi o que abriu seu coração. Aqueles passarinhos bebiam cachaça?” (ROSA, p. 51).

Como se evidencia no trecho supracitado as palavras: onças, lobos, índios, caçadores, possuem certo destaque, e nos causa estranhamento, pois podem surgir do quintal dos tios, entre as árvores. No entanto, essa afirmação ganha verossimilhança quando identificamos que essa afirmação surge da perspectiva do menino. Além disso, esses seres são amplamente utilizados como personagens de narrações infanto-juvenis, compondo, dessa forma, um quase mágico cenário peculiar das estórias dedicadas aos infantes. Com a utilização desse recurso, temos um exímio cenário comparativo entre o mundo adulto e o infantil, apontando, posteriormente, que a transição de uma fase para outra funcionasse como uma espécie de travessia.

Dentro dessa estória percebemos que há um confronto na travessia entre esses dois universos: o infantil e o adulto, nos quais o primeiro é permeado pelo sonho, pela beleza, alegria e encantamento, já o adulto é de tristeza desilusão, ódio e, pior, reduzido ao utilitário. E esta oscilação

de sentimentos que passa o menino transpõe para o leitor a dificuldade dessa mudança de universo, a qual todos passamos.

Como o próprio título sugere no decorrer dessa viagem o menino se direciona para as *margens da alegria*, que no conto está relacionado com o ser menino. Essas “margens” são a realidade dura, seca e cortante, a desilusão, a tristeza, que compõem o mundo adulto guiado por uma lógica muitas vezes perversa com os seres. No entanto Guimarães finaliza essa estória com uma retomada do encantamento ainda que “de quando em vez” com a imagem do vagalume que aparece para o menino. Esse acontecimento retoma, de alguma forma, uma esperança de novamente experimentar uma alegria figurada na novidade daquele inseto de luminoso tom esverdeado, demonstrando que nem tudo, nesse transitar de universos, era tristeza: “voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim o vagalume, sim era lindo! – tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a *alegria*” (ROSA, p. 07 – grifo nosso).

4. *A viagem inversa do menino*

No último conto do livro *Primeiras estórias*, temos uma construção narrativa que ecoa o primeiro, pois parece retomá-lo sob uma perspectiva inversa, porque em *As margens da alegria* há uma condução do menino protagonista para um sentimento de tristeza e em *Os cimos* temos outra espécie de condução para felicidade. Isso é notado desde a primeira frase do conto: “Outra era a vez”, que aponta para uma (re)construção temática, na qual o menino traça um percurso diferente.

Ainda em *Os cimos* encontramos subtítulos que funcionam com indicativos de unidades de ações no conto, que inclusive são passíveis de comparação com o conto de abertura do livro, são eles: *O inverso afastamento*; *Aparecimento do pássaro*; *O trabalho do pássaro* e *O desmedido momento*, nos quais todos ratificam as aproximações entre os dois contos (inicial e final). Vejamos algumas delas em *As margens da alegria* e *Os cimos*, respectivamente:

- “Esta é a estória. Ia um menino, como os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade” (p. 49) e “De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade” (p. 224).
- “Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares [...]. O menino fremia no acorçoo” (p.

49), com: “Entrava aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o de por dentro um estufo como cansaço, fingia apenas que sorria, quando lhe falavam” (p. 224).

- “Iam de *jeep*, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira.” (p. 51), acontecimento parecido encontramos em: “As sacudidas do *jeep* formavam o acontecer mais seguido” (p. 230).
- “Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores do mato. [...] Estalara a cauda, e se estufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão-brusco, rijo, — se proclamara” (p. 51). Aparece o mesmo destaque com o animal em: “Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil ...*chégochégochégo*... — em voo direito, jazido, rente, traçado macio no ar, que nem um naviozinho devagar as velas, puxado tão certo no plano como se fosse um marrequinho deslizando para a frente, por sobre a luz de dourada água” (p. 231)⁴⁹

Através da sensibilidade do menino nos contos de abertura e fechamento temos uma reflexão sobre os elementos que delineiam o mundo infantil conduzido pelo curioso olhar da criança que “embrenham-se [...] nos mistérios do mundo e voltam com excitantes descobertas” (RÓ-NAI, 1966, p. 23).

Nesse conto que encerra *Primeiras estórias* apresenta o menino que, como já foi citado, também, viaja de avião para uma grande cidade, onde mora seus tios. Nessa narrativa, a motivação da viagem se dá por conta da doença de sua mãe, que aparentemente vinha agravando-se e, com isso, entristecendo o menino.

É bom destacar a aguçada percepção do menino diante os fatos: “O menino cobrava maior medo, à medida que os outros mais bondosos para com ele se mostravam. Se o Tio, gracejando, animava-o a espiar na janelinha ou escolher as revistas, sabia que o Tio não estava todo sincero” (ROSA, p. 225). O menino, como se pode perceber, mostra-se consciente que o motivo daquela viagem consiste em cuidados de não deixá-lo sofrer com a doença da mãe, distraíndo-o o máximo possível dos reais acontecimentos acerca da enfermidade de sua mãe e por conta disso, não cedia a vacilações, como se observa também: “[...] não queria brincar nunca, mais nunca. Enquanto a gente brincava, descuidoso, as coisas ruins já estavam armando a assanhção de acontecer: elas esperavam a gente atrás das portas” (ROSA, p. 226).

⁴⁹ Todos os trechos foram retirados do livro *Primeiras estórias* de Guimarães Rosa.

Durante todo percurso da viagem, a narrativa aponta para o ensinamento, a tristeza e preocupação do menino ao lado da apreensão e atenção de todos para agradar a criança. Quando ele chega à casa dos tios, inicia-se a mudança no menino a partir da presença do pássaro. O tucano que surge no alto de umas das árvores do quintal da casa dos tios, exerce um fascínio no menino:

Chegara um tucano, em brado batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelho do pássaro — depois de seu voo [...]. Toda luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, me momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendidamente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. Até o Tio. O Tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. (ROSA, p. 228).

Esse trecho é emblemático no sentido de traduzir a importância desse pássaro para o menino-personagem, que doravante muda o seu estado de introspecção e aflição para o contentamento diante o novo e belo na sua ótica. Até mesmo o tio, dentro do seu universo adulto, consegue perceber a dimensão e representatividade daquele momento para o sobrinho, que inclusive parece compartilhar desse momento de encantamento e felicidade.

5. *Coisas finais*

Tivemos como intenção nesse texto apresentar uma singela leitura, mas honesta, de dois dos contos de Guimarães Rosa: *As margens da alegria* e *Os cimos*. Neles, somos convidados a (re)fazer uma viagem juntamente com o menino (ou como um Menino) do universo infantil para o adulto, universos estes que consideramos, na maioria das vezes, como polares. Neles também somos conduzidos ao mesmo tempo fazermos, refazermos ou invertermos a trajetória de alegrias e descontentamentos como rituais inerentes a condição do viver.

Dada a grandiosidade dessas narrativas, aqui apresentadas, de Guimarães Rosa, como as demais que formata o livro *Primeiras histórias*, que possui riquezas literárias grandes, insólitas, fantásticas, falta, por vezes, nome para caracterizar essa obra singular de um escritor com a envergadura do nosso Rosa. Não é à toa que desde a sua primeira publicação, em 1962, é crescente a fortuna crítica da obra desse autor que sem-

pre demonstra algo mais incrustado na sua expressão, a qual no próprio dizer do escritor é infinita:

Eu carrego um sertão dentro de mim, e o mundo no qual vivo é também o sertão. As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras, para mim são a minha maior aventura. Escrevendo, descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito, o momento não conta (GUIMARÃES ROSA, 2006, p.80).

Enfim, com essas palavras podemos concluir a dimensão dessa literatura, que rendem instigantes leituras, sobretudo, coisas que traduzem, muitas vezes, o indizível no seres, provocando um (re)pensar a “experiência vivida de estar no espaço de outro modo, para mover-se no espaço de outro modo, para mover-se de diversos modos nas veredas da vida” (ROSENFELD, p. 56, 2006).

É importante destacar também, aqui, que não esgotamos todos os possíveis sentidos e implicações que esse conto estudado de Guimarães Rosa possa imprimir, pois tanto essa narrativa como o conjunto de sua obra é como um rio (para utilizar uma mesma metáfora do escritor em questão), porque possibilita para seus leitores uma travessia por águas sempre diferentes, de forma dinâmica e mutável, provocando, dessa forma, a reflexão no devir humano e seus possíveis infinitos desdobramentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Thereza Abelha. Primeiras estórias: a alteridade inventada no feliz. *I Seminário internacional Guimarães Rosa 1998-2000*, Belo Horizonte: PUC-Minas, 2000, p. 346-350.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços [Prefácio]. In: ROSA, João. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. Guimarães Rosa por ele mesmo. *Cadernos de Literatura Brasileira*, nº 20/21. Rio de Janeiro: IMS, 2006.

ROSENFELD, Katrin Holtermayer. Reflexões sobre o sertão físico e metafísico de Guimarães Rosa. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 2, n. 1, p. 55-64, jan./jun. 2006.